



HOMOPARENTALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR: UM OLHAR PSICANALÍTICO

Larissa Vanessa Andrade Santos (1); Fernanda Cristina da Silva (1); Matheus Vila Nova Bezerra de Queiroz (2); Rita de Cássia Oliveira Lima (3); Anna Luzia Oliveira (4)

Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar – FACEP

Resumo: A homoparentalidade é um arranjo familiar que vem sendo discutido por diversos campos de saber, compõe um contexto familiar onde no mínimo a mãe ou o pai se declare ser homossexual. Sendo assim, o presente artigo almeja propor uma breve reflexão acerca da família homoparental no contexto escolar, tendo como base um arcabouço bibliográfico psicanalítico, com o essencial da Teoria Freudiana. Também será explanado aspectos relacionados a família, tendo em vista que, para a psicanálise a família é uma importante influenciadora na estruturação psíquica dos sujeitos. O arranjo homoparental, ainda perpassa por questões jurídicas mal resolvidas onde, reivindicam e lutam pelo reconhecimento familiar e visibilidade. É imprescindível a relação das famílias homoparentais e instituições educacionais no desempenho e desenvolvimento das crianças no âmbito escolar. Nesse contexto, atribui-se também, as escolas uma reflexão sobre suas práticas pedagógicas, de maneira a expandir seu repertório de trabalho referente ao tema família, em que, apresenta ainda uma falta de formação continuada dos profissionais que atuam no âmbito educacional e das instituições de ensino, no que se refere às discussões acerca da diversidade familiar.

Palavras-chaves: Homoparentalidade, Psicanálise, Contexto-Escolar.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos a família tem passado por diversas transformações sociais, econômicas e culturais, de maneira que, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o controle de natalidade por meio do uso de anticoncepcionais, o aumento nas rupturas dos casamentos, o enfraquecimento da autoridade paterna tendem a influenciar diretamente neste processo, (Rodriguez e Gomes, 2012). Dessa forma, as mudanças interferiram na dinâmica e estrutura familiar, trazendo alterações em seu “padrão” tradicional e contribuindo no surgimento de novas configurações familiares.



Anteriormente, a família tradicional, configurava-se em uma espécie de família “padrão” na sociedade, composta por pai, mãe e sua prole, onde o pai representava sinônimo de onipotência absoluta e cumpria a função de chefe do lar, logo, a mãe tinha como único papel ser cuidadora dos filhos e casa. Na contemporaneidade, surgem os novos arranjos familiares que não estão fundidos ao modelo tradicional de família, assim, a família moderna não possui papéis fixos a serem desempenhados, de modo que, não há um padrão a ser seguido.

A família contemporânea traz diversas formas de parentalidade, como: monoparentais, nucleares, unipessoais, homoparentais, recompostas, dentre outras. Dessa forma, não se pode falar de família, mas de “famílias” a fim de se contemplar a diversidade de relações que convivem na sociedade. No entanto, iremos nos deter especificamente a família homoparental, que perpassa por grandes lutas na busca de visibilidade, reconhecimento e aceitação por intermédio de reivindicações e conquistas judiciais.

Toledo e Paiva (s/d) ao realizarem um levantamento histórico sobre o desenvolvimento da família brasileira, constataram que houve um aumento significativo de casais homoparentais no Brasil a partir da década de 80, e em 2007 o IBGE declarou os primeiros dados de um apanhado que indicava que 0,2 da população brasileira havia declarado ter parceiro do mesmo sexo, atuando juntos como donos de casa.

Neste contexto, com o aumento das famílias homoparentais, a demanda de crianças oriundas de pais homoafetivos também aumentou, nesse caso, considerando a relação estreita da escola e família, será discutido, a importância da participação das famílias, e o pensar acerca da diversidade familiar por parte da escola. Partindo desse pressuposto, o presente artigo almeja propor uma breve reflexão acerca da família homoparental no contexto escolar, através de concepções psicanalíticas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A FAMÍLIA PARA A PSICANÁLISE

A partir dos ensinamentos psicanalíticos freudianos, sabe-se que a família é a estrutura responsável pela inserção da criança na sociedade e cultura. Freud, no texto: “Três ensaios da teoria da sexualidade” (1905), enfatiza a família e desenvolve suas teorizações sobre a internalização do limite para o sujeito, ao formular o conceito referente ao Complexo de Édipo, que segundo ele,



envolve investimentos eróticos e agressivos em relação às figuras parentais e as persistências destas ligações estariam no centro das neuroses, (FREUD, 1905).

A família sofreu várias modificações com o passar dos anos, a tradicional configuração familiar composta por pai, mãe e filhos, sofreram alterações sociais e culturais significativas, pois surgiram novos arranjos familiares, sejam formações monoparentais ou casais homossexuais entre outros, assim, diante das novas formações familiares vemos a importância de abordar o complexo de Édipo Freudiano.

Nesse sentido, o homem edipiano vai aparecer no momento da passagem, em Freud, de uma concepção traumática do conflito neurótico para uma teoria do psiquismo inconsciente. Formalizando o complexo de Édipo, a cena do desejo de incesto e do assassinato do pai, inaugurando assim, o modelo de romance familiar que sustentará a família ocidental cristã por um século, (ROUDINESCO, 2002).

No menino, o complexo de Édipo se desenvolve através de um investimento objetal para com a mãe, dirigido, primeiramente, para o seio materno, modelo analítico de espelho objetal. A sua relação com o pai é de identificação. Esses dois relacionamentos não têm longa duração, pois logo os desejos incestuosos do menino pela mãe se tornam mais intensos, e o pai passa a ser visto como um obstáculo a eles. Logo, a identificação com o pai carrega-se de hostilidade, e o desejo de livrar-se dele predomina, bem como a idéia de ocupar seu lugar junto à mãe. A ambivalência inerente à identificação, desde o início, se manifesta dominando a relação com o pai. Portanto, o complexo de Édipo positivo do menino se caracteriza por uma atitude ambivalente em relação ao pai e por uma relação objetal afetuosa com a mãe, (CARVALHO FILHO, 2010).

O Édipo é superado mediante a instauração da lei. Pelo medo da castração o menino passa a desistir da sua paixão pela mãe, onde acabará por identifica-se com a lei do pai, em que, Freud acreditava que a lei repousava na interdição da paixão incestuosa. “Os investimentos objetais são abandonados e substituídos por uma identificação. A autoridade do pai introjetada no ego, forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo o ego do retorno da libido”, (FREUD, 1977).

Na menina, o Édipo ocorre de maneira divergente do menino, é conhecido como complexo de Electra, em que, a menina acredita que possui o falo, sente-se onipotente e deseja fielmente possuir a mãe, mas, ao se deparar com um menino percebe que é castrada, e que não possui o tão amado falo, então volta-se para a mãe e percebe que ela também é castrada, sente-se humilhada e enganada, passa então, a invejar o menino. Dessa forma, desvia-se da mãe, e volta-se para o pai



desejando ser possuída por ele, logo, o pai se nega, e ela dessexualiza o pai, e tornando-se mulher, passa a desejar o homem amado (NASIO, 2007).

Portanto, analisando o Édipo em um sentido mais amplo, constata-se que, consiste na Lei da proibição do incesto, que seria responsável pela inserção do sujeito na cultura. Assim, desde o primeiro momento, a construção deste processo será presidida pela proibição do incesto, que domina a dança triangular. Tal proibição anuncia que o que está em jogo é a relação entre um modo específico de subjetivação e as injunções da cultura, (MIGUELEZ, 2007).

Dessa forma, as modificações em termos de constituições familiares da época de Freud para os dias atuais corroboram para a análise de que o complexo de Édipo é dado mediante as diferentes configurações familiares. Cecareli (2007), afirma que, a internalização das leis e a inserção do sujeito na cultura não dependem de um arranjo familiar específico, mas, de como se darão as funções parentais dentro desta organização familiar.

2.2 A HOMOPARENTALIDADE PARA A PSICANALISE

A homoparentalidade é um arranjo familiar, que vem sendo discutido por diversas áreas do campo de saber, sejam elas de cientificidade ou senso comum. Oliveira (2010) menciona que o termo homoparentalidade é tradução do francês *homoparentalité*, cunhado em 1997, pela Association des Parents et Futurs Parents Gays et Lesbiens (APGL) em Paris. Cujo elucida o contexto familiar onde no mínimo a mãe ou o pai se declare ser homossexual.

Na atualidade, diversos psicanalistas estão sendo convocados para se colocar e apresentar seu posicionamento sobre vários aspectos que envolvem a homoparentalidade, como: a união civil e adoção de crianças por casais homoafetivos. Os psicanalistas tentam se posicionar de maneira a levar em consideração a subjetividade dos sujeitos e propiciar reflexões que não devem levar em consideração este tema tão complexo, como algo sucinto, (TOLEDO E PAIVA, S/D).

Maracajá (2011) ressalta a família como sendo uma entidade que é uma forte norteadora da vida dos seres humanos. É através dela que os indivíduos dão início a sua estruturação subjetiva, por meio de um esquema simbólico que possui duas ramificações: a distinção entre geração e a distinção sexual, esta última exerce grande contribuição sobre os sujeitos, que por sua vez, se dá por intermédio da diferenciação sexual que o sujeito é levado a constituir sua estrutura psíquica.

Oliveira e Maia (s/d), afirmam que a psicanálise sempre se importou com a influência que a família possui para a estruturação psíquica dos sujeitos, colocações que advertem a presença do



pai/homem e mãe/mulher sendo indispensável para a constituição da subjetividade, não se sustenta. Mesmo assim, há psicanalistas que se embasam na concepção freudiana e pontuam a diferença anatômica entre os sexos, como sendo algo estrutural para os sujeitos e enfatizam o risco psíquico que crianças correm ao não conseguirem constatar a diferenciação sexual de seus pais.

Porém, as autoras citadas anteriormente, ressaltam que nos dias atuais não foi possível comprovar que crianças criadas por pais homossexuais, apresentem dilemas ou disfunções psíquicas diferentes de crianças que são criadas por casais heterossexuais, o que nos leva a considerar que essa distinção sexual poderá ser transmitida para crianças oriundas de casal homossexual, assim, essa distinção pode ser considerada simbólica.

Desse modo, no intuito de contribuir para reflexões acerca das questões que envolvem a homoparentalidade enquanto família, se faz necessário compreender as modificações sociais que interferem na participação da família em geral no contexto escolar, comumente enfatizar a importância da família no processo da aprendizagem, que envolve a colaboração de família e escola na formação do sujeito.

2.3 A FAMÍLIA NA ESCOLA

Diversos fatores têm repercutido na estrutura da família e escola, na contemporaneidade, como: os grandes avanços tecnológicos, a nova construção do papel da mulher na sociedade, as reformulações e construções de novas formas de estruturas de trabalho e novos arranjos familiares, tem afetado o desenvolvimento da criança.

É notório, que a família tem participação no sucesso escolar, mas, atualmente não tem sido mais tão presente na escola. Logo, falamos da necessidade da comunicação da família e escola, visto que, algumas famílias demonstram atitudes contrárias à escola, não estimulando o aluno, dificultando a participação ativa do mesmo, e conseqüentemente permanecendo distante nesse processo escolar, (FARIAS, 2016).

Conforme Souza, (2009, p.5), as mudanças na sociedade, interfere na comunicação entre escola e família:

A escola e a família, assim como outras instituições, vêm passando por profundas transformações ao longo da história. Estas mudanças acabam por interferir na estrutura familiar e na dinâmica escolar de forma que a família, em vista das circunstâncias, entre



elas o fato de as mães e/ou responsáveis terem de trabalhar para ajudar no sustento da casa, tem transferido para a escola algumas tarefas educativas que deveriam ser suas.

Sendo assim, as condições sociais levam a família a necessidade de trabalhar para dar o sustento aos filhos, e acaba se ausentando e dificultando esse processo de aprendizagem, assim, na construção de educação e aprendizagem da criança, a escola tem sido requerida para assumir responsabilidades em diversas situações.

Silva (s/d p.5) menciona a respeito da participação familiar:

Para que haja uma possível participação dos pais na escola é importante que a família e escola sejam trabalhadas com mais intensidade, procurando observar seus pontos críticos, a fim de juntas manterem relações direcionadas a resolver as dificuldades provenientes da educação escolar de seus filhos/alunos. Sabemos que não é nada fácil manter uma parceria escola/família, mas é importante ressaltar a necessidade da participação dela no âmbito escolar, pois desse modo faz com que a criança se sinta valorizada, quando vê a participação de seus pais em sua vida educacional.

Frente a isso, é importante que a escola esteja atenta a observar as problemáticas e demandas, para buscar superar as dificuldades, visando estabelecer uma maior interação da família na educação, de modo que, a família é vista como a grande influência no desenvolvimento e formação da criança, é imprescindível que a família assuma o seu papel na participação e desenvolvimento dos filhos, para que as responsabilidades e papéis a desempenhar, não sejam depositadas apenas como função da escola. Assim, a educação não pode ser construída unicamente por esforços da escola, mas através da colaboração mútua da instituição familiar.

Nessa perspectiva, Estevão (2012, p.4) retrata que:

Assim, a escola deve sempre envolver a família dos educados em atividades escolares. Não para falar dos problemas que envolvem a família atualmente, mas para ouvi-los e tentar engajá-los em algum movimento realizado pela escola como projetos, festas, desfiles escolares etc. Em outras palavras está se vivendo em um pequeno intervalo de tempo, um período de grandes transformações muitas delas difíceis de serem aceitas ou compreendidas.



Sendo assim, a escola deve engajar-se na busca de envolver as famílias, e principalmente os educando nesse processo de desenvolvimento escolar, de modo que, não seja apenas de maneira negativa, mais que busque proporcionar um momento de escuta, através da realização de atividades e projetos, que leve o educando a ter uma postura, e comprometimento escolar, a fim de fortificar a relação da escola e aluno.

Dessa forma, reconhecer o papel da escola na aproximação das famílias nas atividades escolares e projetos, visto que, é necessário que possibilite as famílias vivenciarem essas situações, para que se sintam sujeitos ativos nessa parceria, sabendo que, a participação efetiva dos pais no processo de aprendizagem, facilita a prática pedagógica dos professores como também, a família deve ter o interesse de esforça-se em participar ativamente dos momentos da vida de seus filhos, que visem acrescentar de maneira positiva na resolução de problemas e dificuldades que surgem no contexto escolar, e principalmente que possa atentar para as dificuldades dos filhos, (FARIAS, 2016).

Logo, devemos compreender que a escola é considerada como instituição da educação, e que esta deve romper as barreiras e buscar uma maior comunicação com as famílias, como também, atentar para a diversidade familiar. Assim, a escola pode influenciar de maneira positiva na vida dos sujeitos para agirem de forma cidadã na sociedade, como também, a mesma pode contribuir no fortalecimento de paradigmas a respeito das famílias homoparentais, sendo que, se não houver interesse e empenho da instituição acerca dessa temática, contribui para barreiras entre as famílias compostas por casais homossexuais e escola, (FARIAS 2016).

2.4 A HOMOPARENTALIDADE NA ESCOLA

O arranjo homoparental não é algo construído na atualidade, porem as discussões e manifestações acerca desta temática são recentes, e pouco refletidas, cenário este que não é diferente nas instituições de ensino. Nesse contexto, a consolidação da família homoparental atribui as escolas à reflexão sobre suas práticas pedagógicas, de maneira a expandir seu repertório de trabalho de acordo com a demanda escolar.

A visibilidade em torno do assunto discutido teve um grande aumento, devido a facilidade de acesso a informações, palestras, protestos, ou até mesmo por tragédias que acabam tendo grande repercussão.



É possível, que haja uma carência na formação de profissionais, no que se refere ao o pensar mais amplo acerca da diversidade família que há atualmente, logo, os profissionais são responsáveis na inserção das crianças no âmbito escolar. A maneira como um profissional da educação não tem buscado um olhar amplo acerca dessas famílias, principalmente em dias comemorativos nas instituições de ensino, e momentos de atividades em sala de aula, que acabam contribuindo no desconforto do aluno cujos pais ou mães são do mesmo sexo.

Apesar das mudanças epistemológicas, políticas e sexuais que estão em andamento, particularmente no que se refere a homossexuais e a constituição de famílias homoparentais, as escolas do século XXI, ainda não consegue lidar com a diversidade. Mesmo com o pluralismo preconizado no currículo escolar, a homoparentalidade continua fora de discussão. O que se encontra é o silêncio. (Reali, 2009).

Assim, as instituições de ensino têm realizado a construção dos planos de aula ainda de maneira descuidada, visto que, leva em consideração o modelo de famílias tradicional, que são constituídas por pai e mãe (homem e mulher), e que acabam deixando de lado, a diversidade familiar.

De acordo com Souza (2011), o esclarecimento e debate relativos a conceitos de gênero, sexualidade e a construção de identidades através dos mesmos seja tema não só de palestras ou curtos seminários, mas sim de formações continuadas, de projetos escolares, que estejam presente também no cotidiano, que se faça necessário esse olhar mais atento e interessado, não só para a construção de profissionais da educação mais capacitados, mas também para a construção de um ambiente escolar mais igualitário e que celebre a diversidade como possibilidade de enriquecimento.

Contudo, deve-se pensar numa grade curricular, pautada nas discussões da diversidade, de modo que, englobem a heterogeneidade familiar. Dessa maneira, aprimorar o processo de formação destes profissionais da educação, em que, poderá trazer resultados positivos, passando a oferecer um melhor serviço às famílias em geral. Logo, as escolas devem propiciar possibilidades de acrescentar na carreira profissional dos educando, incentivando a busca de capacitação para atender as demandas apresentadas no contexto educacional.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da importância de tratar do tema relativo a homoparentalidade, consideramos a psicanálise como uma das poucas perspectivas teóricas que elucidam a homoparentalidade e suas características, visto que, inúmeros psicanalistas pontuam sobre as questões referentes a esse arranjo familiar, e propiciam um pensar crítico acerca da configuração homoparental, como sendo um tipo de família que deve ser considerado vigente.

Contudo, o presente trabalho permitiu adquirir reflexões sobre o respectivo tema, nos possibilitando pensar de forma mais esclarecida sobre as questões referentes à Homoparentalidade no contexto educacional. Dessa forma, os subsídios psicanalíticos propiciaram um olhar crítico acerca do papel da família na construção do sujeito, logo, é através da família que o sujeito consolidará sua estruturação subjetiva, como também, a importância da instituição escolar. Nesse sentido, os profissionais da educação devem adquirir uma formação continuada, que possibilite a capacitação para atuar de forma equitativa para todos os tipos de demandas que compõem o âmbito escolar.

Ademais, compreendemos que a Escola é considerada fundamental na constituição educacional de um sujeito, e que deve considerar a importância da participação da família nesse contexto, de modo que na vida das crianças, família e escola tenham que estar engajados no mesmo processo, construindo uma espécie de parceria, porém, se faz necessário que a escola procure maneiras de lidar com a diversidade na escola, como também, as famílias homoparentais reivindiquem o seu espaço. Para tanto, é necessário que se construa uma comunicação entre famílias homoparentais e escolas, para assim ocorrer a visibilidade dessas famílias.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO FILHO, João. **A aceção de família na teoria psicanalítica**: Sigmund Freud, Melanie Klein e Jacques Lacan. Diss. Mestrado em Psicologia na Universidade Federal de São João Del-Rei, 2010. Disponível: < http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradopsicologia/2011/Dissertacoes/Dissertacao_Oficial.pdf> Acesso em: 9 de ago. 2016.



CECARELLI, Paulo. Novas configurações familiares: mitos e verdades. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, p.89-102, jun.2007

ESTEVÃO, Edna. **A importância da participação familiar no rendimento escolar da criança**. 2012. Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>> acesso em: 12 Ago. 2016.

FARIAS, Mariana. Famílias homoparentais e escola: reflexões e possibilidades. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, n. 6, 2016.

FREUD, Sigmund. Publicações pré-psicanálticas e esboços inéditos. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre teoria da sexualidade**. Vol. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1905.

MARACAJÁ, Myrna. **Filhos da homoparentalidade: o que a psicanálise tem a dizer?** 2011. Disponível em: < <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2012/04/Filhos-da-homoparentalidade-o-que-a-psicanalise-tem-a-dizer.pdf>> acesso em: 10 de ago. 2016.

MIGUELEZ, Nora. **Complexo de Édipo hoje**: novas psicopatologias, novas mulheres, novos homens. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

NASIO, Juan. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Zahar, 2007.

OLIVEIRA, Anna. **A homoparentalidade sob produções discursivas de psicanalistas**. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2010.

OLIVEIRA, Anna; MAIA, Myrna. **Produções discursivas de psicanalistas sobre a subjetivação da diferença sexual na família homoparental.**, (s/d). Disponível em:< <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Trabalhos/09.pdf>> Acesso em 07 de ago. 2016

REALI, Noeli. **Homoparentalidade e escola**: que conjugação é essa?, 2009. Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT23-5637--Int.pdf>> Acesso em: 12 de jul. 2016.

RODRIGUEZ, Brunella; GOMES, Isabel. Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade. *Bol. psicol* [online], vol.62, n.136, pp. 29-36, 2012.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

SILVA, Licionina. **Participação da família e comunidade no contexto escolar.**,(s/d). Disponível em <http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:AiTh3gQVhjQJ:scholar.google.com/+Partici>



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pa%C3%A7%C3%A3o+da+fam%C3%ADlia+e+comunidade+no+contexto+escolar&hl=pt-BR&as_sdt=0,5> Acesso em: 31 de jul. 2016

TOLEDO, Luiz.; PAIVA, Vera. **Homoparentalidade e psicanálise**: uma breve perspectiva histórica., (s/d). Disponível em: < <http://fepal.org/wp-content/uploads/0055.pdf> > Acesso em: 5 de ago. 2016.

SOUZA, Maria. Família/Escola: a importância dessa relação no desempenho escolar. **Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). Paraná**, 2011. Disponível:< <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>> acesso em: 11 de ago. 2016.